

O Progresso Catholico

APPROVAÇÕES!

O mez de Outubro — Vinte e cinco por cento!
 — Constituição do Santo Padre ácerca da regra da Ordem Terceira de S. Francisco
 — Historia Verdadeira da Inquisição — Os Frades.

Carta que S. Exc.ª Rev.ªm o Snr. Bispo de Angra, escreveu ao Director do Centro de propaganda Catholica em Portugal, na qual approva e recommenda as tres primeiras obras.

Ill.ªm Snr.

Os tres opusculos que V. acaba de editar: *O mez de Outubro consagrado a N. Senhora do Rosario*; — *Vinte e cinco por cento! aos cem disparates dos Protestantes*; e a *Constituição do nosso Santissimo Padre Leão XIII ácerca da Regra da Ordem Terceira de S. Francisco*, são dignos de figurar entre as obras da propaganda Catholica, que V. com tanto zelo e dedicação dirige.

Não só, pois, approvo, mas louvo, como Bispo, estas publicações e as recommendo a todos os fieis, como muito uteis para a edificação e santificação das almas, desejando que todos d'ellas se aproveitem. E pode V. fazer o uso que julgar conveniente da presente carta.

Agradeço os exemplares com que teve a bondade de me mimosear, e me subscrevo com muito gosto

De V.

Angra, 1 de outubro de 1886.

João Maria, Bispo de Angra.

De uma circular do mesmo Exc.ªm e Rev.ªm Snr. Bispo de Angra, dirigida ao Rvd.º Clero da Diocese, recommendando-lhe varias obras, reproduzimos o seguinte, referente a duas publicações d'este centro de propaganda, sentindo não publicar toda a circular, por falta de espaço:

«*Historia Verdadeira da Inquisição*, escripta por D. Francisco Xavier G. Rodrigo, e traduzida do Hespanhol pelo padre Manuel José Gonçalves Preza, é outra obra preciosa, approvada por varios Prelados e, o que mais é, elogiada pelos Summos Pontifices Pio IX e Leão XIII. Em vista das grandes exaggerações e calumnias que os impios tem levantado contra a Inquisição, é de grande vantagem a leitura d'esta importante obra, que restabelece a verdade historica e philosophica d'esta instituição, e faz recalir o odioso da mesma, não sobre a Igreja, que sempre a modificou e suavizou, mas sobre o poder civil, que para seus fins politicos a adoptou.

Os Frades — Defeza, justificação e apologia insuspeitissima, colligidas por J. de Lemos, é obra curiosissima, por que è uma colleção dos maiores elogios que entre nós tem feito os homens mais insuspeitos aos mesmos frades, levados pela força da verdade. Obra que devia fazer emmudecer todos os seus inimigos e converter em amor e respeito o odio que muitos lhes tem.»

SUMMARIO:—APPROVAÇÕES: *Os mezes de Outubro—Vinte e cinco por cento!*—*Constituição do Santo Padre acerca da Ordem terceira de S. Francisco—Historia Verdadeira da Inquisição—Os Frades*, por S. Exc.ª Revm.ª o Sr. Bispo d'Angra — *O Natal*, pela redacção — **Secção Religiosa:** *A santificação dos domingos e dias santos*, (carta pastoral de S. Exc.ª Rev.ª o Sr. Bispo d'Angra); (continuação); *O Natal de Nosso Senhor—Sequencia*, por Faria e Castro. — **Secção scientifica:** *Os principios catholicos perante a razão*, XIII, *o estabelecimento do christianismo*, por D. Francisco Xavier Garcia Rodrigo — **Secção critica:** *Coisitas!* por um catholico; *Lerias, anr.* Joaquim Martins de Carvalho? por F. L. Reço — **Secção litteraria:** *Salve, poesia*, por M. F.; *Distinção tre instrucção e educação*, por C. D. Grillo; — **Secção Illustrada:** *O Precepe de Bethlem*, por R. — **Retrospecto da Quinzena**, por J. de Freitas.

GUIMARÃES 30 DE DEZEMBRO DE 1886

O NATAL!

CUMPRIRAM-SE as prophcias!
No estabulo de Bethlen,
entre as miserias humanas e
as virtudes sublimes que do ceu
nascem, apparecera o Messias desejado,
o Redemptor do mundo, o Salvador da
humanidade!

Gloria a Deus nas alturas, e paz
na terra aos homens de boa vontade!

Estão cumpridas as promessas de
Deus; está salvo o mundo do peccadol

O berço onde se embala o Deus
infante, marca duas epochas na vida
da humanidade: para lá do berço, a
escravidão, o arrastar das gramalhei-
ras da oppressão, o rir sarcastico do
despotismo; para cá d'esse berço o sol
radiante da liberdade que desponta, doir-
ando os dias da existencia, o estrondo
das cadeias que se partem, o balbuciar
de palavras de paz, amor, e fraternidade!

Para lá d'esse berço onde dorme
um Deus feito menino, as luctas dos
guerreiros ferozes, as ambições dos
imperadores, abrindo caminho á ponta
de punhal para o throno sezariano, o
arrastar de povos vencidos, atrelados
ao carro triumphal dos vencedores; pa-
ra cá as victorias civilisadoras dos
soldados da cruz, o caminhar para
o throno dos principes que os povos
livres aclamam, o convivio de todos os
cidadãos em volta da mesa onde gran-
des e pequenos se abraçam em frater-
nal abraço.

Para lá d'esse berço, Nero incen-
diando Roma, Deocleciano alastrando
de cadaveres os circos e as masmorras
de todo o imperio romano; para cá,
Constantino elevando no alto do Capi-
tolio a cruz, Carlos Magno levantando
cathedraes e civilisando a Europa, Pe-
lajo quebrando nos rochedos das As-
turias os idolos de Odin e de Freda.

Para lá o despotismo subjugando
os povos, e obrigando-os a render culto
a falsos deuses, a tyrannia avassallando
o mundo, e rendendo culto unicamente
á devassidão, ao roubo, e a todos os vi-
cios: para cá a liberdade hasteando a
sua bandeira entre os povos, e annun-
ciando-lhes que vassallos e reis são to-
dos irmãos, e ensinando-os a adorar o
Deus verdadeiro, em nome do qual caiam

por terra as gerarchias e as raças, que-
bravam-se os escudos nobiliarchicos e
partiam-se as coroas dos monarchas,
quando não éra em nome de Deus que
governavam os povos, e que se orgu-
lhavam com seus brasões.

Para lá a mulher, soffrendo todas
as afrontas desde a miseria do lupanar
até ao degradante luxo dos arens; para
cá a mulher do christianismo, toucada
de rosas como virgem, cingida a fronte
com a coroa da realeza como esposa e
mãe, e vendo a seus pés as gerações,
rendendo-lhe o culto que merece a
virtude, o heroismo, a abnegação.

Para lá d'esse berço o paganismo, a
escravidão a tyrannia, a devassidão,
todos os horrores d'una geração sem
Deus; para cá o christianismo, a liber-
dade, o amor, a virtude, todas as ale-
grias e felicidades que cabem aos po-
vos, quando sabem fitar o ceu, quando
sabem ajoelhar-se diante do Creador.

Gloria a Deus nas alturas, e paz na
terra aos homens de boa vontade!

Ajoelhemos diante d'esse berço, ado-
remos a Jesus no presepio de Bethlem,
porque nos ajoelhamos, porque adora-
mos o dador de todas as liberdades,
porque adoramos quem nos fez irmãos,
quem tirou do livro das nações as pala-
vras senhor e escravo, quem selou a
carta da nossa alforria com o proprio
sangue das suas veias, quem do alto do
Golgotha soltou pela vez primeira as pa-
lavras sublimes liberdade, egualdade e
fraternidade, palavras que são proprie-
dade do christianismo, apesar de an-
darem na bocca de todos os despotas,
de todos os tyrannos, de todos os ini-
migos da humanidade.

A liberdade doou Jesus Christo ao
homem, ensinando-lhe a dar a Deus o
que é de Deus, e a Cezar o que é de
Cezar; a fraternidade ensinou-a o mes-
mo Jesus Christo, insinuando os povos a
amarem-se todos como irmãos; a egual-
dade foi ainda Elle que a prescreveu
dando o exemplo da mais perfeita hu-
mildade.

Salve, berço do meu Jesus! Salve,
dacta memoravel, que hoje celebramos!
Salve aurora refulgente do dia mais
bello da criação!

Salve! Salve!

A redacção.

SECÇÃO RELIGIOSA

A santificação dos domingos e dias santos

Carta pastoral de S. Exc.ª Rev.ª o Sr.
Bispo d'Angra

(Continuado do n.º anterior)

SIM, amados Filhos, Nós sabe-
mos com bastante magoa—
que muitos de vós, levados por
uma excessiva diligencia e empe-
nho de adquirirem bens terrenos
e talvez por não conhecerem a
fundo a gravidade do seu peccado
e as suas funestas consequencias,
se entregão nos domingos e dias
santos a trabalhos pesados e scr-
vís, obrigando tambem muitas
vezes n'esses dias vossos ani-
maes domesticos a um trabalho
com que não podem, por lhes
faltar o repouso indispensavel; e
tudo com grave escandalo dos
fleis tementes a Deus, e de vos-
sos respectivos Parochos. E' pois,
possuido d'um zelo ardente pela
observancia tão suave dos pre-
ceitos do Senhor, e interessado
sobremancira na vossa felicida-
de temporal e eterna, que, levan-
tando a nossa voz de Pastor,
ainda por esta vez, pretendemos
mostrar-vos — que vos illude in-
teiramente o demonio — quando
vos persuadis, que o trabalho
feito nos domingos e dias santos
augmenta a vossa fortuna; por-
que, pelo contrario, tão crimi-
noso trabalho vos empobrece!
Para este fim começaremos por
vos mostrar a importancia do
preceito que manda santificar os
domingos e dias santos, tanto na
ordem temporal, como na reli-
giosa; depois vos exporemos o
modo porque este preceito é im-
posto, a severidade com que erão
punidos seus transgressores e o
rigor com que era observado. Em
seguida vos mostraremos — o
quanto são inuteis os trabalhos
e esforços humanos que não são
auxiliados e dirigidos pelo Se-
nhor de todas as cousas; do que
tudo facilmente se deduzirá a
verdade, que pretendemos de-
monstrar-vos.

Desça o Espirito Divino sobre

Nós e não permita que a insuficiência da nossa penna offusque verdades tão interessantes, e Nós teremos a gloria de vos ter feito conhecer, amados Filhos, vossos verdadeiros interesses, e de vos ter tornado mais feliz esta vida mortal e suave o caminho do Céu!

II

Debaixo de dois differentes pontos de vista se póde considerar o preceito—que nos prohibe trabalhar nos dias santificados, isto é com relação á natureza, e á Religião.

Do primeiro modo — é bem evidente que o repouso e descanso são indispensaveis ao homem, organizado de fragil e quebradiço barro, e igualmente aos animaes que nos servem. A materia de que se compõe os nossos corpos tende continuamente para a inacção e dissolução, do modo porque está disposta; d'onde resulta — que todo o movimento e acção, que n'ella se dér, é um estado forçado, que necessariamente hade cançar; sendo o repouso e descanso o unico meio de se criarem, para assim o dizermos novas forças, e de se alcançarem novos

resultados dos nossos trabalhos; e esta lei, mais propria dos seres organicos, estende-se igualmente a todas as forças da natureza: não só as marchas forçadas e continuas podem em poucos dias arruinar um poderoso cavallo, que aliás poderia prestar valiosos serviços por muitos annos, mas a arvore precisa ordinariamente descansar um anno para produzir no outro, e a terra semeada continuamente da mesma seimete torna-se esteril e infructifera, como vós muito bem sabeis.

(Continúa).

O NATAL DE NOSSO SENHOR SEQUENCIA (1)

Laetabundus (2)
Exultet fidelis chorus;
Alleluia.

Regem regum
Intactæ profudit torus;
Res miranda!

Angelus consilii
Natus est de virgine,
Sol de stellâ!

Sol occasum nesciens;
Stella semper rutilans
Semper clara.

Sicut sidus radium,
Profert virgo filium
Pari formâ.

Neque sidus radio
Neque mater filio
Fit corrupta.

Cedrus alta Libani
Conformatur hyssopo
Valle nostrâ.

Verbum ens altissimi
Corporari passum est
Carne sumptâ.

—Córos dos fleis rejubilai-vos; alleluia.

—Do leito d'uma pudica Virgem, ô maravilh! veio á luz o Rei dos reis.

—O Anjo do conselho nasceu d'uma Virgem; o Sol saiu d'uma Estrella!

—Sol (3) que nunca se põe; Estrella sempre fulgurante, sempre luminosa.

—Assim como o astro gera o raio, assim a Virgem gera um Filho tão formoso como ella.

—O raio não deslustra o astro; o Filho não macula a Mãe.

—O altaneiro cedro do Libano transformouse em hyssopo (4) no nosso valle.

—O que é o Verbo do Altissimo quiz tomar corpo encarnando-se.

(1) Esta Sequencia de S. Bernardo (XII seculo) é uma incontestavel celebridade. O seu rhythmico é notavel pela sua originalidade.

(2) «Laetabundus... miranda.» As duas primeiras strophes contem cada uma tres versos. O primeiro verso que tem quatro syllabas está ligado pela assonia ao segundo verso que tem oito syllabas; o terceiro verso rima com o verso correspondente da strophe seguinte.

(3) Jesus Christo é chamado «Sol justitiæ» pelo propheta Malachias. A Virgem é muitas vezes designada sem o nome de «Maris Stella».

(4) Estas expressões metaphoricar designam aqui a natureza divina e a natureza humana. O cedro, com effeito, é uma arvore elevadissima, se bem que o hyssopo é uma pequena planta peitoral que cresce nas hortas. Ordinariamente, na linguagem sacra, o hyssopo é tomado como o emblema da humildade ou da fraqueza.

(5) «Litteræ» (Veteris Testamenti), as letras do Antigo Testamento.

Esaias cecinit,
Synagoga meminit,
Nunquam tamen desinit
Esse cæca.

Si non suis vatibus,
Credat vel gentilibus;
Sibyllinis versibus
Hæc prædicta!

Infelix, propera,
Crede vel vetera;
Cur damnaberis, gens misera?

Quem docet littera (5)
Natum considera:
Ipsium genuit puerpera.

—Isaias o prophetizou; a synagoga não se esqueceu, e portanto não descerra ella os olhos.

—Se ella não crê nos seus prophetas, que creia ao menos nas prophcias dos gentios; os versos sibyllinos hão predito estas coisas!

—Desgraçada, o mais depressa, crê nas antigas prophcias; porque te privarias do paraíso, nação desventurada?

—Aquelle que'annuncia o antigo Testamento nasceu; vem vel-o: o deo ao mundo uma Virgem.

TRADUÇÃO DE FARIA E CASTRO

SECÇÃO SCIENTIFICA

Os principios catholicos perante a rasão

XIII

O estabelecimento do christianismo

(Continuando do n.º anterior)

HORRORISA a memoria d'aquelles cascos eandentes que collocavam sobre o craneo humano, das terriveis luctas com esfaimadas fêras, da fogueira, do potro de aceradas pontas e tantos outros supplicios inventados pela mais refinada crueldade. O valor d'aquelles fieis não se acobardava, nem a sua ardente fô se amorteceu um momento: todos soffriam os supplicios com firmeza, a tímida donzella como o menino e os anciãos e até os fortes e robustos guerreiros depõem o seu valor acreditado em cem batalhas para receber com humildade a morte.

Nenhum offerreo resistencia, todos succumbem e perdoam aos seus juizes e verdugos ensinando ao povo com o seu heroico exemplo a pratica difficil dos sublimes principios que professam.

Quantas vezes não correram os espectadores a collocar-se entre as victimas, renunciando ás suas gentilicas superstições!... *O sangue dos martyres é semente de christãos*, escrevia Tertuliano.

O sangue d'aquellas innocentes victimas era effectivamente semente de christãos, porém semente fecundissima, pois quanto mais ameaçava atormenta, tanto mais augmentavam os prorelytos, tanto maior se fazia o numero de missionarios e tanto mais ardente era o seu zelo em propagarem a doutrina sancta e verdadeira.

Antonio Pio mandou cessar execuções tão inuteis, dizendo em seu edito dirigido á Azia: «Essa gente crê-se mais feliz por morrer pelo seu»

«Deus do que em viver: está persuadida que logra a mais completa victoria e o mais glorioso triumpho derramando seu sangue de preferencia a consentir no que se lhe exige (1)»

A heroica abnegação d'aquellas victimas illustres conquistou por fim os philosophos mais distinctos, que depressa se tornam apologistas resolutos e ferventes, e recebem por sua vez a palma do martyrio. Converte em sanctos muitos proceres soberbos, que depois de baptisados repartiam suas riquezas pelos pobres.

O sangue de martyres tão exforcados desarma o braço dos seus barbaros verdugos, triumpho do tormento, reforma os costumes publicos, e vencendo a tyrannia dos Cezares, desulaja os idolos dos seus immundos templos.

Se o christianismo fosse uma instituição humana, como os incredulos pretendem, teria sido impossivel estabelecer-a com opposições tão violentas. Que difficuldades não contrariaram Mahomet e Luthero? E' sabido que o impostor propheta dos arabes propagou a sua religião por paizes submettidos á sua auctoridade despotica, e que o sabre era a rasão suprema com que persuadiu a crença do Alcorão, deixando ao sensualismo hamano completar a sua obra.

Ninguém ignora a protecção que seis principios (2) o treze cidades

(1) Eusebio, *Hist. eccl.*, cap. VI, XII vil.

(2) João, Eleitor da Saxonia; Jorge, Eleitor de Brandebourg; Ernesto e Frederico; Duques de Lunebourg; Philippe, Landgrave de Hesse; e o Principe de Anhalt.

imperiales dispensaram a Luthero; quantos martyres conta a reforma protestante? (1).

Em outro logar occupar-nos-hemos d'esta seita desgraçada. Aqui somente temos a observar que os martyres constituem a primeira gloria da Igreja e a prova mais certa da divindade do christianismo, e da divindade, por conseguinte, do seu fundador, d'onde logicamente se deduz a evidencia dos milagres de Jesus, e da resurreição e a sensação ao ceu da sua humanidade sanctissima.

(Continua.)

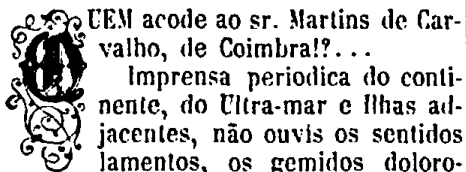
D. Francisco Xavier Garcia Rodrigo.

(1) Os seus chefes foram julgados pelo protestante Cobbett nos seguintes termos: «Nunca se viu no mundo uma companhia de impios tão grande como Luthero, Zwinglio, Calvino, Beza e mais reformadores do catholicismo. Os seus proprios inimigos confessam que viviam entregues aos vicios, consequencia d'uma doutrina que não crê necessarias as boas obras para a salvação.» Como havemos, pois, de estranhar que a reforma protestante não possa offerrecer martyres?

SECÇÃO CRITICA

Lerias, sr. Joaquim Martins
de Carvalho?

I



QUEM acode ao sr. Martins de Carvalho, de Coimbra!?

Imprensa periodica do continente, do Ultra-mar e Ilhas adjacentes, não ouvis os sentidos lamentos, os gemidos dolorosos, os prantos convulsivos, cruciantes, que fazem écho atemorador e medonho... ao longe... em todas as direcções, fazendo horrendo estampido nas quebradas dos montes, no reconcavo dos valles?

E' o sr. Martins de Carvalho, de Coimbra, em apertado cerco, em que o trespassam um chuva de settas! Acudam-lhe!...

Não vèdes o homem nas torturas do cavalete, da grelha, do brazeiro em que o tornea, em que o arrebenta a maldicta reacção em Portugal?

Acudam-lhe!

Em 190 linhas, já é! do artigo principal do seu «Conimbricense» do dia 30 de outubro, o sr. Martins quasi que se estoura, quasi que se desfaz, quasi que deixa ouvir o ultimo alento, coitado!! bradando pelo vosso soccorro, ó Imprensa periodica, e vós não vos compadeceis do misero. E demais a mais na vespera do dia 2 de novembro, mais memorando e lugubre da piedade christã!!...

O' quanto sois crueis, ó *crudelis Ateis!*

Onde está vossa caridade d'outrora?

Ao homem «que não quebra lanças (e eu digo que não dá o beijo) pela monarchia, nem pela republica», (Conimbricense n.º 4088,) não se estende a mão protectora, a elle que não toma folego e está prestes a estourar de asphixia por via da maldicta reacção, que resurge, diz elle, de todos os lados e por muitos modos e feitios, sem ver que ella ribomba em convulsões vulcanicas lá das concavidades sigdaes do sr. Martins!?

Maldicta reacção! quanto és matreira, quanto sediciosa, quanto és insidiosa, quam habilmente te infiltras lá para dentro da mais intima fibra do sr. Martins sem elle dar por tal! Elle, o homem de vista de lynce, de olphato de bom perdigueiro e de astucia de serpente!

Ir...ra, com mil bombas!!

Já é estar atrapalhado com a velha matrona de 34, com o jesuitismo, com o fanatismo, viboras venenosas que tanto, á *socapa*, esmordaçam o grande

Palinuro do seculo 19, o fanatico, o reaccionario d'uma idéa que só elle e o Demo intende e concebe. Pois, senhores, não haverá n'este mundo de Christo uma entidade que dê remedio prompto a tão dolorosas afflicções do sr. Martins de Carvalho, de Coimbra?

Apesar de absolutamente leigo em pharmacopéa lá vae um:

Arrume-lhe, para cima da reacção, do jesuitismo e fanatismo com a Krupp das suas colleções, e verá como aquelles *bizarros* mordentes da liberdade se assustam e amedrontam; e deixe-os, a elles, os microbios da liberdade santa, que custou nada mais, nem nada menos, do que a vida do Deus humanado.

Eu, que julgava o sr. Martins um valentão intrepido, quaes valentes do Waterloo, vejo-o tão fraco e tímido qual fraco e tímido coelho!

Olhem como a gente se engana!!— *Stultus ego huic nostræ similem*... Nós nem dormimos nem descansamos só com a lembrança de suppormos o sr. Martins de Carvalho assim entre Sciles e Carybides, tão *atrapalhado!*

Apparece-lhe a reacção por toda a parte: nas praças, nas ruas, nos bécços; nos seminarios, nos collegios, nas casas de educação de Portugal, até na rua das Figueirinhas, onde se edita o Conimbricense, sem respeito algum para com o seu redactor.

Que praga!! que perseguição, santo Deus dos exercitos!

O sr. Martins tem razão de dar por paus e por pedras. Tem muita razão. O negro phantasma a perseguil-o por todo esse mundo europeu e não euro-peu!! caspitê!!

Em todo o caso sempre lhe diremos, sr. Martins de Carvalho, não se assuste. Coragem, sr. Martins. Dos fracos não reza a historia. Deixe correr o mundo, que é uma bola. Anda e desanda. *Deus super omnia*.

Ora oiça e medite que talvez o sr. Martins encontre prompto alivio para seus males tão crueis.

Será esse phantasma, que o tortura tanto, tanto, antes o phantasma do remorso, esse cruel verdugo que fustiga e morde as consciencias?

Medite e pense.

Dizem por esse mundo fóra em voz alta e baixa, que o sr. Martins de Carvalho recebeu altos favores d'aquelles que o sr. Martins persegue, odeia e cobre de improperios.....

Como a ingratição é o mais feio monstro que se pôde imaginar, talvez.... que seja este e não aquelle o phantasma que lhe faz trazer a cabeça a razão de juro por esses valles e outeiros, sem remanso nem descanso seu.

Pense e medite, que Nosso Senhor o illumine.

Digo isto, porque, ao lançar uma vista d'olhos pelos plainos da historia dos seculos idos, vejo que todos os que perseguiram e barbaramente mutilaram e martyrisaram por quantos modos os mais horrendos se podem imaginar, os já então chamados reaccionarios, jesuitas e fanaticos, entre os quaes occupa o primeiro logar o Grande Martyr do Golgotha, acabaram assim azafamados e aterrados pelo verdugo interior, que os ia devorando, chegando alguns, como Galerio e Nestorio, etc., a cuspir sua putrida lingua. Pense e medite, que talvez por ali ande algum peccado velho e *cabelludo*.

Agite poenitentiam.

E não se assuste com a imaginaria perda da liberdade e independencia nacionaes. Não. Não se assuste. Que todos os portuguezes, dignos do nome, lhe agradeçam tão *acrisolado zelo* e tão *patriotica affeição*. Não pretenda entretanto amordaçar a liberdade do pensamento dos que não pensam, como pensa o sr. Martins de Carvalho, porque um tal proceder é o mesmo que atropelar o grande principio da liberdade humana, é não ser liberal no sentido restricto da palavra, como o sr. Martins alardeia.

Lembre-se o sr. Martins de Carvalho que no artigo a que alludimos, dizendo que não «quebra lanças nem pela monarchia nem pela republica», confessa implicitamente que Martins de Carvalho é *socialista*. Parece-me isto. Não acreditámos em tão rasgada imparcialidade. E o socialismo todos sabem o que é. E' o abysmo escuro e medonho onde as sociedades se afundam, immergem e desaparecem, é o systema politico mais completo da anarchia e retrocesso.

E o sr. Martins a dizer-se tão rasgadamente liberal genuino!! a gemer pela liberdade!... lagrimas de corcodillo, hypocrisia no caso. Quer o sr. Martins de Carvalho prestar valioso serviço á liberdade e ás sociedades? Sente dentro em si o nobre e grande estimulo de existencia para a lucta? Pois hem, santo e justo.

Indague o paradeiro do negro inimigo da liberdade, por quem, dado mas não concedido, só o sr. Martins quebra lanças, e asseste para aquelle poncto as suas metralhadoras, toque sua trombeta a rebate, ajunte suas aguerridas phalanges, e depois fogo e mais fogo contra aquelle inimigo feroz e horrendo.

Quer o sr. Martins saber quem é esse inimigo e onde habita? São as ruins paixões, que fazem da mulher Julietas e Messalinas, e do homem, um devasso e irracional; e habita no coração de todas as classes sociaes.

Porque é que o sr. Martins não in-



O PRESEPIO DE BETHLEM

A todos os nossos amigos, colaboradores,
correspondentes, assignantes e leitores em
geral

Boas Festas.

veste contra as tricas e traças republicanas que pretendem esboroar a liberdade constitucional que custou tantos sacrificios aos bravos do Mindello, a quem o sr. Martins tem por vezes tecido tão acrisolada apologia? Porque habita paredes meias com Proudhon, Voltaire, e Ario.

Não apresente, como razão sufficiente do seu procedimento a *perseguição* outr'ora soffrida da parte dos que lhe foram contrarios. Nas epochas anormaes houve, e ha de haver sempre, represalias reciprocas. Chame do tumulo Tavoras e Malagridas e elles responderão cathegoricamente. O homem ha de sempre mostrar que é homem—argila, barro.

Os tempos e as sociedades têm, como o individuo, enfermidades anormaes. Isto é um facto incontestavel.

Argumentar d'um facto particular e anormal para uma regra geral, e verberar traças de mau calibre, imputadas a uns, quando todos n'ellas têm culpas graves, não é nobre, nem logico, nem moral.

Portanto, sr. Martins, nada de justiça de funil. Isto é feio e menos decente. Seja o labaro de sua milicia este grande principio: *Ne facias alteri, quod tibi vis ne faciant*.

Obrigue o seu Eu a não ser apreciador *exclusivo* de exterioridades alheias, que, para serem devidamente avaliadas, preciso é certo trabalho preparatorio e compulsado por mão habilmente artificiosa.

Deixe-se de historias da carochinha. Faça com que o seu Eu se medite e profunde em todos os predicados que constituem uma essencia, exigindo, lhe responda a estas perguntas: Donde vens? Onde estás? Para onde vaes?

Satisfeitas as devidas respostas, o sr. Martins de Carvalho convencer-se-á que o—*nosce te ipsum* da antiga Grecia, e tantas vezes repetido no grande Areopago, é tão substancial em todas as situações, em que o individuo se acha, como o é para que o sr. Martins de Carvalho *requiescat in pace* para honra e gloria da nação portugueza. E é o que lhe appetecemos. Até breve.

F. L. Rego.

Coisitas!

(AO CORRER DA PENNA)

Nós, entendemos, que o Senhor Joaquim Martins de Carvalho e outros heróes da mesma classe fazem muito mal em gritar contra os conventos. Não têm n'isso mesmo fi-

nura nenhuma. E' falta de esperteza e de malicia e estão a dar golpes profundos nos interesses do governo e nos seus *proprios* interesses.

Nós vamos explicar-nos. Já se entende, que elles não devem fazer elogios aos conventos, por que isso ou seria *descobrirem-se muito* ou cairem n'uma contradicção, muito censuravel pelos homens das lojas.

O melhor é não dizer coisa alguma acerca de taes institutos religiosos.

Deixar, pois, acabar os que existem; deixar, que os governantes *deitem as unhas* ao que por lá houver; deixar esquecer, que se fez tal *rapinancia*; e, finalmente, deixar instalar, crear, edificar ou organizar novos conventos.

Os que tanto receiam d'estes institutos, os que veem *jesuitas* por toda a parte e em todos os clerigos, os que temem a *reacção* e o *lazarismo*, verão em como, no fim de cinco, dez ou quinze annos, ha, ali por todo o paiz, conventos em grande numero; que elles estarão de novo bem providos de paramentos, vazos, alfaias, pratas e outras coisas de valor; que já os conventos terão dinheiros a juros, boas cercas, boas quintas, pomares, terras de pão e outras propriedades; verão as suas egrejas com bellas imagens, ricas alampadas, e magnificos cercaes; verão os conventos, não com tantas riquezas, como outr'ora, por que a *ndu dos quintos*, já não nos traz as riquezas da India, nem da America nos chegam os recursos dos tempos aureos da nossa monarchia; mas vel-os-hão bem providos e com valores de fazer *arregalar os olhos* aos governantes e aos *jornalistas* contrarios aos mesmos conventos, em fim ao do *Comimbricense* e a outros.

Então, sim!...

Então, sim, ó *rapaziada fina!* Então é que é *saltar* de novo aos conventos e eis ahi uma nova e muito boa occasião de poder o governo encher-se e repartir com os *taes jornalistas*, pagando-lhes assim os serviços, que prestaram e hão de prestar á *liberdade de funil*.

Tomae, pois, o nosso conselho, ó *jornalistas exaltados*.

Accomodaes-vos, por alguns annos, ó redactores do *Comimbricense*, da *Era Nova*, do *Povo de Aveiro*, do *Bejense*, do *Seculo* e de todos esses jornaes, inimigos da *reacção* e do *lazarismo*.

Não griteis contra os vossos interesses e contra os do governo. Bem vedes, que, se este, d'aqui a alguns annos, novamente expulsar os habitadores dos conventos e se apossar das suas propriedades, móveis e immóveis, também podeis, como vulgarmente se diz, *ter a vossa rasca na açadura*.

Tomae o nosso conselho. Olhae, que

é de quem vos quer bem e deseja os vossos interesses. Palavra d'honra!

* * *

Mas,—dirá alguém—, o peor é uma coisa. O peor é que os *institutos monasticos*, as irmãs de caridade, os *jesuitas*, os *lazaristas*, em fim toda a *fradaria* é a causa de se perder o amor á familia. Assim o disse José Estevam, bem conhecido, na *maçoneria*, por *Irmão Porcio*.

Disse-o José Estevam?!...

Então é quanto basta, por que entendem certos *escriptores de gazetas*, defensores da *liberdade de funil*, que tudo o que disse o José Estevam é um evangelho, não tem replica, não pôde ter contradicção!

E é verdade!... Acabem os conventos e tudo o que seja *jesuitismo* e *lazarismo* e ahi verão um amor tão intranhado, tão intimo, tão dedicado á familia, que hão de espantar as gerações presentes e as vindouras.

Não se verão mais infidelidades conjugaes, que causam desordens em casa e com que os *amantes da liberdade de funil* gastam o que devia ser para sustento da mulher e dos filhos. Não se verão mais as tabernas e os botequins (*tabernas aristocraticas*) todos os dias cheias de chefes de familia, que, em bebidas, jogos e outras *patuscadas*, gastam o que tem e o que vão devendo. Não se verão muitos paes gastarem o que podia servir para assegurar o futuro de seus filhos. Não se verão, nos diversos cartorios, questões judiciais entre irmãos, entre paes e filhos, entre marido e mulher, e entre outros parentes. Não se verão, nos tribunaes, preparativos para *divorcios*, por que nem as esposas dirão, que os maridos as espancam ou gastam, com as *amantes*, sommas fabulosas; nem os maridos terão de fechar-se das infidelidades das esposas, ou d'estas terem pouco arranjo nas coisas domesticas, na roupa dos maridos e dos filhos e no tratamento d'elles, quando enfermos.

Tudo serão virtudes domesticas. E quem as estorva ou pôde estorvar?

As *irmãs de caridade*, os *jesuitas* e os *lazaristas!*

Então não poderão o governo e os *taes jornalistas* tomar o nosso conselho?

Mau é isso. E o caso é que elles é que perdem.

Paciencia.

Um Catholicico.

SECÇÃO LITTERARIA

Salvè

A DR. A. M. DA SILVA ROSA

Trago-vos flores, para vós colhidas,
notas contentes, como as aves mansas,
Se alegre data festejaes, é justo
que eu prenda rosas da ventura ás transas.

Sombras a vida tem, por certo, e agruras;
Tambem reverso tem qualquer medalha,
Porem o ninho, as affeições, os nossos,
são coisa leve, que o viver não valha?...

Rompa, em torrentes, de nossa alma a luz,
das alegrias festival a essencia!
Sôrva-se a taça, e aclamemos rindo,
de um anno mais, a saudosa ausencia!

Venha ainda outro, e após, elle, novos;
tornem dezenas, n'um alegre enxame.
Cerquem-nos risos, affeições do lar,
tudo na terra, quanto é bom e se ame!

Dons taes vos chamam da clemente altura;
limpidos dias, que a ventura enflora!
Eis os meus votos, quanto aos ceos supplico,
da vossa vida hoje lembrando a aurora!...

Mattos Ferreira, Prior de Cintra.

Distincção entre instrucção e educação

INSTRUIR e educar são duas palavras cujo sentido muitas vezes se confunde, apesar de torem uma significação diversa. Vejamos se da sua etymologia podemos concluir alguma cousa para lhes discriminar o sentido. Instruir deriva-se do verbo latino *instruere*, que significa *preparar, adornar, edificar*.

Educar, deriva-se, segundo alguns escriptores, da preposição *e* que significa *fora* ou *para fora de*, e *ducere* que significa *conduzir*, isto é, *conduzir ou tirar para fora de*, subentendendo-se a palavra *trevas*. Tirar das trevas para a luz, da ignorancia para o saber, eis, segundo os mesmos escriptores, a significação da palavra *educar*. Podemos, portanto, dizer que *instruir* significa adornar o espirito de conhecimentos, ou preparal-o com esses conhecimentos para os diferentes misteres da vida. O verbo *educar*, sendo derivado da preposição *e* e do verbo *ducere* (tirar, conduzir), indica um movimento que se imprime a certos seres para um fim que se tem em vista. Vemos, pois, que a etymologia das palavras nos dá alguma luz sobre o ponto do que tratamos.

O sentido do verbo *educar* é mais lato que o do verbo *instruir*: assim dizemos—educar um animal irracional, uma planta—, e não dizemos—instruir

um animal, uma planta—, porque instruir é ornar de conhecimentos, e os irracionais não são susceptiveis de adquirir certos conhecimentos (a instrucção propriamente dita), e as plantas ainda menos. Applicando, pois, a palavra *educação* aos irracionais e aos vegetaes, convencimo-nos de que *educar* significa imprimir um certo movimento, e para um certo fim.

Tambem dizemos que tal ou tal individuo tem boa educação no sentido de ser bem comportado, sem attenção á sua instrucção; e isto mais corrobora a idéa de que a educação é propriamente a direcção ou movimento que se imprime ao sujeito, para elle obrar em conformidade com a idéa do bem e da justiça, e com a civilidade.

Disse eu que o sentido da palavra *educar* é mais lato que o da palavra *instruir*, e isto se assevera quando se divide a educação em physica, intellectual e moral, sendo a educação intellectual o que se chama instrucção. Por isso se costuma dizer que um mancebo vai completar a sua educação litteraria ou scientifica n'este ou n'aquelle estabelecimento d'ensino superior ou especial.

Mas ainda em relação áquelles tres pontos podemos fazer distincção entre instrucção e educação. Podemos dar a qualquer pessoa instrucção ou educação physica, segundo a instruímos nos conhecimentos que dizem respeito a essa parte da educação (como são a hygiene e a gymnastica), ou lhe fazemos empregar os meios para a alcançar, mandando-a fazer gymnastica ou pôr em pratica os preceitos hygienicos. Podemos dar instrucção ou educação intellectual, segundo nos applicamos especialmente a ornar o espirito de conhecimentos, ou a dirigir a intelligencia por meio da logica para bem pensar e raciocinar. Podemos dar instrucção ou educação moral, segundo nos propomos a instruir o educando nos principios da moral, ou a mover-lhe a vontade para praticar o bem e evitar o mal.

Costumamos, por tanto, chamar instrucção ao acto de adornar o espirito de conhecimentos, e educação ao facto de formar o coração das pessoas, inclinando-lhes a vontade para a pratica do bem, e despertando-lhes os sentimentos e affectos para amar só o mesmo bem. A instrucção refere-se mais á intelligencia, e a educação á vontade.

Mas esta distincção, que fazemos, entre instrucção e educação é mais abstracta do que real, porque mal podemos comprehender como possa ter logar na pratica uma sem a outra. Quem instrue educa, porque, ainda que o não queira, imprime aos seus discipulos uma direcção moral, visto que as idéas

e convicções d'estes se modificam, e por tanto o seu modo de obrar. Quem educa instrue, visto que o educando, pondo em pratica os meios necessarios para a sua educação, e exercitando-se, adquire conhecimentos que só pela theoria não poderia adquirir; sendo talvez por isto que se diz que educar significa tirar das trevas para a luz, visto que a pratica aperfeiçoa os conhecimentos do homem.

Applicando estes principios ás tres especies d'educação de que acima fallei, conhecer-se-ha a verdade do que affirmo. Educando-se, por exemplo, a intelligencia por meio da logica, afim de pensar e raciocinar bem, aprende-se a conhecer melhor o que seja uma idéa, um juizo, um raciocinio; o que seja um enthymema, um epicherema, um sorites, um dilemma, e o modo de formular estes argumentos.

O homem é um ser moral, quero dizer responsavel pelos seus actos, que elle deve praticar em harmonia com a verdade, o direito e a justiça; e em todas as situações da vida elle conserva esta qualidade, seja qual fór o grau da sua illustração e a sua posição social. Deve por isso ser educado convenientemente, e a educação—diz Braun—deve fazer d'elle o que elle deve ser como homem: como homem religioso e moral, como homem intellectual, como homem physico e como homem social.

A sua educação deve começar logo após o nascimento; e, como na infancia, antes da idade critica das paixões, o homem é mais susceptivel de receber uma direcção moral, deve-se educar de forma que mais tarde elle possa repellir as idéas subversivas que por ventura assaltem a sua mente, e as paixões que pretendam dominar a sua vontade e o seu coração.

A instrucção sem a educação moral e religiosa pode ser um perigo para os individuos, para as suas familias e para a sociedade; porque, sendo o homem inclinado ao mal desde a adolescencia, não estando bem possuido das idéas do dever e da justiça, assim como da sua responsabilidade perante um Juiz Supremo que a todos ha de julgar, e não tendo bem impresso no seu pensamento que a vida d'este mundo é curta, que não podemos n'ella attingir a felicidade perfeita, e que muitas acções não teem aqui a sua sancção, isto é, o premio ou o castigo, elle sem este freio salutar pode arruinar a sua saude com gozos insaciaveis, tornar-se um mau chefe de familia, um pessimo magistrado o um cidadão perigoso.

A sua mesma instrucção lhe servirá de meio de destruição, e empregará as maravilhosas descobertas que to-

dos conhecemos em prejuizo dos seus semelhantes. Sedento de gozos e de riquezas, não crendo na lei moral e n'uma vida futura, deixar-se-ha possuir do mais feroz egoismo, e attentará contra a propriedade e a vida alheias, tornando-se um agitador perigosissimo e um revolucionario turbulento. Por todas estas razões a distincção entre educação e instrucção é só abstracta e não pode ter logar na pratica.

C. D. Grillo.

Inimigos da Instrucção primaria

Discurso recitado nas conferencias pedagogicas de Leiria em 1886 pelo professor

A. S. F.

(Continuado do n.º anterior)

Os factos com a sua eloquencia incontrastavel demonstram que a instrucção, quando não vá unida á educação moral e religiosa, faz habeis viciosos, destros criminosos, audazes revolucionarios, ardentes socialistas, endurecidos atheus e sanguinarios anarchistas. Se ha excepções, essas confirmam, não infirmam a regra. Bem o sabem os impios e transformadores sociaes e por isso trabalham com tanto afan em favor do ensino atheu e do que elles chamam «*emancipação da mulher*» a qual querem tirar da posição que lhe assignalou o Creador na humanidade, que lhe marca a natureza e que tanto exaltam os livros sagrados, para a converterem em novo elemento de desordem e dissolução social, a ella, que deve ser o nujo do lar domestico, a nuncia do amor e paz na sociedade.

E subeis quem é esse poder occulto que em todos os paizes dirige o espirito dos legisladores na obra da instrucção popular? Já o disse e repito: é a maçanaria. Na França, na Belgica, na Hespanha, no Brazil é ella que move a guerra á Igreja, que torna a instrucção leiga, isto é athea; que da escola hanc até o ensino do cathecismo ás creanças para formar os cidadãos do futuro, isto é—livres pensadores sem crenças, sem moral, sem religião, sem as idéas de virtude e de vicio e, portanto, de premio e de castigo além da morte. E d'aqui que males não advem á sociedade!...

Subeis quaes elles são? A observação os está mostrando com toda a clareza. As estatísticas criminaes

falam com uma eloquencia assustadora. Ellas nos dizem que os crimes augmentam por toda a parte onde a impiedade assentou seus arruines.

Lembra-me ter lido algures que n'uma nação catholica— a Italia, nos ultimos 15 annos a mania do suicidio produziu 17:492 obitos com um augmento de 250 p. c. do 1.º ao ultimo anno! E' pasmoso!!.. Calcula-se o numero de desgraças que produziriam esses attentados contra a vida:—familias deixadas na orfandade, socios de negocios arruinados, credores fallidos, etc., e ter-se-ha uma idéa do mar de dores e de lagrimas que esses algarismos significam!

E quem produziu todos esses males? A instrucção sem educação religiosa; porque o suicidio é, em regra, uma resultante da depravação do individuo em idéas e em proceder: para se praticar é preciso admitir uma grande corrupção moral na massa do povo.

Em momento de delirio revolucionario, o poeta do seculo, Victor Hugo, o *divino* para os que não creem em divindade, proferiu, ou antes escreveu esta baforada luminosa: Abri uma escola e fechareis uma prisão.

A' priori o paradoxo não pode ser mais manifesto. Com effeito: que relação pode ter uma idéa de algebra, de physica ou de chimica com a moralidade de uma acção? Nenhuma, já disse certo philosopho, Spencer, e acrescenta que sciencia sem educação e, portanto, sem moralidade, é nefasta, é repulsiva.

Um italiano, que já foi professor primario e secundario por mais de vinte annos, nos seus *Articuli pedagogici e didattici* examina a questão da escola em suas relações com a criminalidade, e pelos algarismos conclue que, de facto, a escola está muito em equação com a criminalidade e a ignorancia precisamente o contrario. O nosso insigne romancista Camilo Castello Branco não ha muito que disse o mesmo ainda que por outras palavras, nos seus serões de S. Miguel de Seide, e ninguem lh'o extranhou. Citemos as suas palavras: «Villa Nova de Famalhão, diz elle, é a mais estupi-

da comarca da provincia do Minho, depois de Suajo. Na aldeia onde vivo ha vinte annos não ha alumno de escola. Nas outras do concelho de longe em longe apparece um mestre de primeiras letras sem discipulos. Pois em todo o Minho, exceptuando o Suajo, não ha comarca em que a estatistica da criminalidade seja menor e mais significativa d'uma avançada civilização. O mais notavel crime aqui perpetrado nos ultimos dez annos foi um fratricidio, não praticado por um analfabeto, mas por um regressado do Brazil com bastante leitura de almanaks e uma caligraphia muito regular.» Até aqui o notavel romancista. A illação mais logica que destes factos se pode deduzir é que—escola e moralidade são incompativeis, são elementos heterogeneos: e será isto verdade? Responderei: sim e não. Sim, se n'ella, a par d'uma instrucção solida, se não administrar ao que hoje é creança, mas que amanhã será homem, uma educação sã, accentuadamente catholica, desenvolvendo-lhe o sentimento do bem, o amor do trabalho e todas as virtudes sociaes e domesticas que tornam o homem digno do fim para que Deus o creou e que o farão feliz no tempo e na eternidade; não, no caso oposto.

Houve, é certo, em todos os tempos famosos delinquentes; praticaram-se sempre crimes inauditos; o testemunho da historia não se pode negar e isto nos chamados tempos da ignorancia e do obscurantismo. Mas hoje que a instrucção se tem diffundido prodigiosamente, multiplicando-se os estabelecimentos litterarios e scientificos desde a modesta aula de ensino primario até ás mais completas universidades; hoje que o artista mais humilde pode transpor ao lado do opulento, do nobre, os umbraes do santuario da sciencia e ali libar a longos sorvos o precioso nectar porque tanto anhe-la, porque será que a tam decantada phrase «*abri escolas e fechareis prisões*» recebe o mais completo desmentido? Não será certo que nos tempos que vão correndo se repetem os crimes com uma rapidez vertiginosa e em numero assombroso, e alguns, e muitos delles

acompanhados de circumstancias que denotam a mais profunda perversão moral? A que attribuir, pois, isto? Quanto a mim, creio que á falta da educação moral e religiosa; d'essa educação que tem por fundamento a Deus, e por sanção de nossos actos o premio ou castigo além da morte. A escola, pois, onde a idéa de Deus for banida, onde se não ensine a moral christã, o amor a Deus e ao proximo, o respeito á propriedade e o amor da virtude, poderá produzir atheus e facinorosos: homens dedicados, capazes de se sacrificarem pelo bem dos outros, nunca, digam o que disserem, os sectarios da pretendida moral independente.

(Continua).

SECÇÃO ILLUSTRADA

O Presepio de Bethlem

Não carece de descrever-se a nossa gravura de hoje, porque todos a conhecem, e o artigo que n'outro lugar vae — *O Natal* diz bem o que a gravura seja. Só diremos que é um quadro formosissimo, o que offertimos a nossos leitores, e que não deve passar sem miudo reparo, porque em todas as 3 figuras se advinha o pensamento do auctor — mostrar que em todas ellas nada havia da terra.

Contemple-se bem o quadro, que, por elle, nada mais queremos que a gratidão de nossos leitores, porque se fosse a pagar-se, não chegava para isso o importe da assignatura.

R.

RETROSPECTO DA QUINZENA

ESTANDO em Guimarães fizeram-nos a honra da sua visita, que muito agradecemos, os nossos bons amigos, Revd.^{mo} Snr. Padre João Antonio d'Andrade, os Exc.^{mos} Snrs. Jeronymo Theophilo Coelho de Souza Leão, e Antonio José Rodrigues Ferreira.

Mimoseados pelo Exc.^{mo} Snr. Cardenal-Bispo do Porto, recebemos a oitava Carta Pastoral ácerca do Dinheiro de S. Pedro, que tornaremos conhecida de nossos leitores na primeira o mais proxima occasião.

Igualmente recebemos outra Carta Pastoral, do Exc.^{mo} e Rev.^{mo} Snr. Arcebispo-Bispo do Algarve, ácerca da Bulla de Santa Cruzada, que tambem será conhecida dos nossos leitores, limitando-nos por isso, hoje a agradecer aos Venerandos Prelados tão distincta deferencia.

Foram tantas as festas que n'esta cidade se fizeram no dia 8 do corrente, em honra da Immaculada Conceição da Ss. Virgem, que não era possivel assistir a todas, e o tempo, de verdadeiro inverno, ainda mais impossivel tornára o desejo que tinhamos de assistir a todas ellas.

Demos conta no passado n.º da que tivera lugar em S. Francisco, e quizeramos dar hoje noticia da que no Asylo e escolas de Nossa Senhora da Consolação e Santos Passos se realisára; mas, não podemos assistir a ella.

Não obstante isso, no outro dia apesar de estar tudo arrumado, e sem vestigios de festa podémos ver, graças á boa vontade das boas Irmãs Hospitaleiras, a maior parte dos trabalhos, que figuraram na exposição do dia anterior, e, como sempre pasmamos de tanta variedade, de tantos primores, que só a paciencia e não desmentida aptidão das Irmãs professoras d'aquella casa podia fazer amontoar.

Nada diromos, pois, d'esta festa, limitando-nos a publicar o discurso que o digno Provedor da Real Irmandade dos Santos Passos, o nosso amigo José de Castro Sampaio, pronunciára ao inaugurar a festividade do dia.

Elle diz tudo quanto poderíamos dizer, e já que tivemos o prazer de obter a copia d'esse discurso, sempre, publicando-o, queremos chamar para elle a attenção dos inimigos do ensino ministrado pelos membros das ordens religiosas, que são tambem os inimigos da auctoridade e da propriedade.

O nosso amigo José Castro, preterente a uma familia distincta d'esta cidade, possuidor de boa fortuna, Vice-presidente da camara municipal, e director do Banco de Guimarães, não podia desconhecer que o ensino religioso é o mais forte sustentaculo da sociedade; não fosse esse ensino, não fossem as aguas purissimas do christianismo, bebidas nas escolas catholicas; fossem todos como os pelintras que berram dos jesuitas e das Irmãs da Caridade, e as casas dos ricos teriam já voado pelos ares, e os bancos seriam ha muito saqueados em nome da liberdade e da igualdade demagogica.

Bem andou o digno Provedor da Real Irmandade dos Santos Passos, pronunciando o seguinte discurso:

«Senhores

Franqueando-vos as portas d'esta casa, não é intento nosso mostrar-vos os primores d'uma casa em festa, porque para festas não chega o que a caridade tem, nem extender a vossos olhos luxuosas pompas, que a religião condemna, quando ha lagrimas que enxugar, quando ha miserias a que attender, quando ha virtudes que galardoar.

A Meza dos Santos Passos, a que tenho a honra de presidir, mostra aos olhos de Guimarães um asylo onde a indigencia se alberga, e uma escola onde a juventude se instrue; e nada mais.

É no asylo onde a indigencia mora, e na escola, onde as intelligencias se aprimoram, lá está o mais que podia estar — a Irmã da Caridade. As Irmãs da Caridade, que depois de dispensarem todos os seus afagos ás creancinhas, que lhes estão confiadas, ainda levariam mais longe os rasgos da sua ardente caridade, saindo as portas d'esta casa, e andando como todos vós proscienciaes, de porta em porta a solicitar o obulo da caridade para os seus pobres, para os vestirem, para lhes darem novas roupas, com que se apresentassem no dia á Virgem Immaculada Consagrada. Elles ahí estão ostentando vestidos novos, eil-os ahí patenteando a nunca desmentida caridade dos filhos d'esta terra, que não fecharam os ouvidos ás supplicas das nossas benemeritas Irmãs.

Eis, meus senhores, o que lhes devomos pelo lado da caridade; pelo lado da instrucção ahí está o que lhe devemos, o que lhe deve Guimarães, o que lhe deve a sociedade.

A variada exposição que a vossos olhos se destendo, dos trabalhos realisados pelas alumnas das nossas escolas, e sob a direcção das virtuosas Irmãs, é uma prova do quanto a Meza a que presido e das que nos precederam se tem empenhado em levantar esta casa á verdadeira altura. Porque hoje está plenamente demonstrado que os verdadeiros, os unicos mentôres da mocidade, são os membros das Ordens religiosas, e nós, conscios d'esta verdade, e querendo dar solida instrucção ás creanças admittidas n'esta casa, nada mais podiamos fazer que formar o corpo docente das nossas escolas com as Irmãs Hospitaleiras, com as heroínas da abnegação e da caridade, com mulheres que se esquecem de si, que desprezam o seu bem estar, os commodos do lar domestico, para serem a alegria da juventude nas escolas, e o que ainda é mais, o conforto dos desvalidos nos albergues e nos hospitaes. Sejam estas palavras que acabo de soltar, a manui-

festação sincera do reconhecimento da Meza directora d'esta casa, pelos muitos e relevantes serviços que lhes devemos.

Acanhadas são ainda as dimensões d'esta casa, pouco commoças, e até deixae-me dizer, em desarmonia com as exigencias requeridas para um estabelecimento d'esta ordem; abrigamos porém a grata esperança de dar em breve, principios a obras que a devem collocar em melhores condições; e é por isto que cortamos um pouco ao esplendor que quizeramos dar ás festas d'este dia.

Praza a Deus que os nossos bons desejos se realizem, que a protecção dos bons filhos de Guimarães nos não falte, que se assim fôr, um dia mostraremos como modelo o asylo e as escolas da Real Irmandade dos Santos Passos.

Tenho concluido.»

Pedimos a todos os nossos leitores recommendem em suas orações um nosso amigo e collaborador, que se acha a braços com uma enfermidade terrível na vista.

Especialmente fazemos este pedido ás Filhas de Maria para que o recommendem á protecção da SS. Virgem de Lourdes.

Nem só as festas das nossas benemeritas Hospitalleiras de Guimarães, serão narradas nas columnas do «Progresso Catholico»; tambem as que se fazem em outras terras por ellas promovidas aqui serão narradas. Um amigo nosso, de Lisboa, enviou-nos a seguinte noticia, das festas havidas no convento das Trinas, nos dias 18 a 21 de novembro:

«Foi uma festa esplendida, como V. não viu ainda, nem mesmo descreveu no nosso «Progresso», a que as nossas Irmãs fizeram nos dias 18 a 21 de novembro. Eu queria que V. aqui estivesse, porque queria depois ler a discussão das festas tão imponentes e tão singelamente catholicas.

No dia 18 era recebido na egreja das Trinas o Sagrado Lausperenne, entre as bellezas que as Irmãs sabem apresentar nas suas egrejas e capellas, havendo missa solemne, cantada pelas Irmãs, e sermão pelo Rev.º Dr. Romão Guimarães, que apresentou as virtudes do Seraphim de Assis, em honra de que a festa d'este dia se fazia.

A's 6 da tarde sermão pelo Rev.º Duarte do Rosario, cantando-se á Laldinha e o Bemdito, ficando exposto o SS. toda a noite, havendo matinas, e conservando-se uma imponente guarda de honra, a Jesus Sacramentado, for-

inada de muitas Irmãs, postadas em adoração toda a noite, cantando formosos hymnos, umas vozes, outras entoando fervidas preces. Era soberbo o quadro!

No dia 19 festa de Santa Izabel, pregando de manhã o Rev.º Conceição Vieira, e de tarde o Rev.º Prior Costa Pereira. Dia 20, festa ao Bom Jesus da Redempção, subindo á cadeira da verdade, de manhã o Rev.º Gaspar Borges, e de tarde o Rev.º Pires Monteiro.

E no dia 21 a festa da Consagração a N. Senhora, havendo de manhã missa resala pelo Em.º Snr. Cardeal Patriarcha, assistindo aos lados do altar um formosissimo grupo de meninas, lindamente vestidas como a SS. Virgem de Lourdes.

Estes pequenos anjos estavam preparados para fazerem a sua primeira communhão, e é por isso que S. Em.ª lhe fez um magnifico discurso antes de lhe distribuir o Pão Eucharistico, que receberam tambem milhares de pessoas, entre os quaes, o pessoal da casa que era um numero superior a 200. (Duzentas Irmãs de Caridade! Olhe se o Martins, do «Conimbricense», vê passar esta noticia por Coimbra, o que elle não teria berrado a estas horas!) A's 10 horas missa cantada, e sermão, pelo Rev.º Mendes Alçada, e de tarde pregou ainda o Rev.º Padre Pereira, findando tudo com um solemne Te-Deum, Benção do SS. Sacramento e um cantico do despedida á Virgem, que assim terminava:

Adeus do ceu Rainha
delicias, encantos meus!
Adeus ó Mãe querida,
adeus, adeus, adeus!

Se V. visso, depois de terminado o canto, todos á espera de mais e com os olhos em lagrimas de saudade, fictos no côro, sem quererem abandonar a egreja, havia de me dizer se eram Irmãs que cantaram, ou se, por graça divina, uma nuvem de cantoras celestes havia chegado ás Trinas para abrihantar a festa! Diga isto aos leitores do nosso «P. C.» e agradeça em nome de causa catholica os serviços que muitas pessoas prestaram ás benemeritas Irmãs, sem esquecer o clero que todo se prestou da melhor vontade. E accrescente, que é isto o que fazem as Irmãs Hospitalleiras, quando não andam occupadas em cuidar de todas as miserias e alivial-as, como V. sabe pelo conhecimento que tem das nossas caras Irmãs.

Os nossos parabens ás heroínas do seculo desenoje, e agradeci-nentos ao no so amigo.

O a agora senhores que não gostam de Irmãs de Caridade, nem de Frades, para lhes adoçar a bocca dos amigos que lhe havia causar a noticia que acabaram de ler, vim's dar-lhe outra mais agradável.

Um navio que ha poucos dias aportára ao Funchal, na Ilhada Madeira, tinha dentro do seu costado nada menos de 22 religiosos trappistas; mas, heja gaudio, collegas, não chegaram a desembarcar!

E sabem para onde iam estes obreiros da civilização, e quem os mandava? Derigiám-se para as colonias inglezas do Natal e sob a protecção do governo inglez.

Poucos dias depois tornou a ilha a ser ameaçada com outra invasão, e esta então era mais forte — uns 26 Trappistas tambem, capitaneados pelo seu proprio abbade mirrado, o rev.º P. Franz, aquelle que tanto concorrera ha annos para a colonização e civilização da Bosnia sob a protecção do governo austriaco.

Este segundo exercito de trappistas seguiu para Marianhill, porto de Durban, na colônia do Natal, onde no espaço de cinco annos transformaram n'um paraizo um sertão de cafras, segundo a affirmação dos governantes d'aquella colonia, que afinal não passam d'uns ignorantes em administração publica. Aprendessem elles com os governos de Portugal, e veriam como davam com as colonias em Pantana!

Mas, senhores, não houve perigo; os Trappistas não psaram terra portugueza.

Gloria á liberdade, que oprimindo medra!

Dizem de Aruca que o governo ordenara que ás pobres velhas, que ainda vivem no rico convento d'aquella villa, fosse dada a quantia de 120 reis diarios a cada uma!

Accrescento o noticiador, que é de certo amigo do governo: «SE MÃO FORA A GENEROSA PROVIDENCIA DO NOBRE MINISTRO AS POBRES VELHINHAS MORRERIAM AO DESAMPARO».

Indecentes bajuladores! Chegamos a um tempo em que se chama GENEROSA PROVIDENCIA o dar com que matar a fome a quem tinha que comer para si e para es pobresinhos! Não sei como o noticiarieta não manda cantar um Te-Deum, em arção de graças, por uma tão GENEROSA PROVIDENCIA!

Findamos dizendo aos nossos collegas da «Palavra», que ha mais de um mez não temos o goito de receber o seu jornal; se é por esquecimento, muito agradecemos a continuação.

J. de Freitas.